

Crença e sistema

Notas para desenvolvimento em aula¹

OLAVO DE CARVALHO

Crença e sistema. -- “Acreditar” significa “dar crédito” -- ceder em confiança algum bem material ou imaterial, contando com que disso não resultará perda ou decepção. Os dois elementos aí envolvidos são o valor do bem emprestado e a confiança no retorno.

Acreditar é uma decisão pessoal intransferível. Conselhos, pedidos ou razões externas podem reforçá-la, mas não determiná-la, muito menos criá-la. O acreditar envolve por isso uma responsabilidade – aquele que acredita hoje há de responder, amanhã, perante si mesmo ou perante terceiros, pela veracidade ou confiabilidade daquilo em que acreditou.

O acreditar não é somente uma atitude cognitiva, mas uma decisão, um ato moral interior. A autenticidade da crença confirma-se quando se tomam novas decisões baseadas nela, sobretudo se essas decisões implicam alguma responsabilidade perante terceiros.

Você pode acreditar numa pessoa, numa promessa, numa doutrina. Nos três casos, a estrutura do acreditar é a mesma. Você pode continuar acreditando numa pessoa que o decepcionou, numa promessa que nunca se cumpre ou numa doutrina que se demonstrou falsa. Quanto mais evanescentes as razões de acreditar, tanto maior o investimento psicológico necessário para sustentar a crença. Isso pode ir desde uma decisão corajosa de opor-se à opinião do meio até a ruptura com o mais elementar senso de realidade. Em todos esses casos a estrutura do acreditar continua inalterada.

Quando falamos de uma idéia ou doutrina, qual o valor da crença genuína como indicador da sua veracidade? Se um homem não acredita no que diz, por que deveríamos acreditar que diz a verdade?

Na técnica da argumentação – lógica, dialética ou retórica --, ensina-se que a sinceridade ou insinceridade do emissor é indiferente ao quociente de veracidade da tese que ele afirma. Negar essa tese com base na insinceridade do interlocutor é o que se chama tradicionalmente um *argumentum ad hominem*, e o *argumentum ad hominem* é tido como geralmente inválido. Na medida em que as afirmações versem sobre uma realidade que é independente dos indivíduos envolvidos na discussão, nada do que se diga a favor ou contra estes pode confirmá-las ou impugná-las.

A filosofia, porém, vai muito além da mera arte da argumentação. Por mais perfeita que esta se torne, algumas das suas regras, aplicadas de modo raso e direto às discussões filosóficas, às vezes falham miseravelmente.

Desde logo, nenhuma tese filosófica pode legitimamente ser amputada do “sistema” que a gerou, nem a expressão formal do sistema em palavras pode ser considerada separadamente da concepção do mundo que subjaz a ela na mente do filósofo. Esta observação permanece válida mesmo se tomamos a palavra “sistema” no sentido mais vago e frouxo que adquiriu no pensamento moderno após o descrédito dos grandes sistemas construtivos do racionalismo clássico.

Se é assim, nenhuma “tese” filosófica se esgota no seu próprio enunciado genérico, mas subentende um mundo de nuances e intenções inexpressas, que o intérprete deverá tentar desencavar para chegar a uma compreensão adequada do pensamento do filósofo.

¹ Seminário de Filosofia – 15 e 22 de dezembro de 2012.

Nesse sentido, a intensidade, seriedade ou sinceridade da crença que o filósofo deposita nas suas teses faz parte delas intrinsecamente. No mínimo, a consideração desse fator é indispensável para se avaliar a importância, o peso e o verdadeiro significado de uma determinada tese no conjunto do “sistema”. Uma tese filosófica, afinal, não é uma frase solta dita a esmo por um sujeito impessoal e anônimo, mas é uma das muitas perspectivas que se articulam na visão total do sistema.

Ora, o sistema só existe como expressão, ou consequência, da unidade da consciência humana.

Autoridade. -- Como ninguém pode saber tudo, nem dirimir por si mesmo todas as dúvidas que o assaltam desde dentro e desde fora, cada um, mesmo entre os mais independentes, racionais e céticos, tem de se remeter em última instância à fé numa autoridade impessoal e coletiva, que a seus olhos possui ou deve possuir, real ou virtualmente, todas as respostas.

O fiel católico confia-se à Revelação e à sabedoria tradicional da Igreja; o militante revolucionário, ao tirocínio infalível do Partido; o cético e o materialista, ao consenso científico que ele julga representar o cume do entendimento possível no estado presente da humanidade; o esoterista, à unidade secreta e inapreensível de uma Tradição primordial que, imutável na variedade alucinante das suas manifestações, atravessa os tempos sem se deixar afetar por eles. E assim por diante.

Cada um deles, resguardada a margem de incerteza individual que todos admitem, acredita-se assim razoavelmente protegido contra os erros maiores e mais catastróficos. Sem essa fé, o exercício mesmo da razão individual estaria paralisado no nascedouro, esmagado e sufocado sob o impacto simultâneo de milhões de dúvidas irrespondíveis. Para raciocinar sobre o que quer que seja, é preciso deixar essas dúvidas em suspenso, mas isso só é possível graças à expectativa tranquilizante de que alguma entidade ou corporação já tem, ou há de ter mais cedo ou mais tarde, todas as respostas essenciais.

Língua e mundo. -- Nenhuma língua é um sistema fechado, nenhuma comunicação humana prescinde da referência a um universo extralingüístico de seres, coisas e fatos que linguagem alguma poderia jamais produzir.

Desde logo, não há linguagem sem sinais corporalmente sensíveis – visuais, auditivos ou tácteis – que, enquanto dados do mundo físico, não dependem da linguagem nem nela se originam, mas têm de ser encontrados prontos na natureza para poder integrar-se no sistema de comunicação no papel de signos linguísticos. E mesmo essa integração não é jamais completa: um som, um sinal gráfico, um estímulo sentido na pele conservam sua realidade de fenômenos corporais independentes de sua função linguístico, como o prova a simples existência de várias línguas diferentes: o som *Schweinerei* pode ser ouvido perfeitamente por quem não compreenda uma só palavra da língua alemã, assim como nada impede que um chinês recém-desembarcado no Rio de Janeiro, incapaz de dizer mesmo “Bom dia” em português, ouça, se não for surdo, tudo o que estou lhes dizendo aqui.

Lógica e temporalidade. -- A lógica é a ciência do discurso coerente. Não do discurso sobre isto ou sobre aquilo, não deste ou daquele discurso, mas do discurso em geral, considerado independentemente de qualquer conteúdo em particular. Qual o conteúdo de um discurso sem nenhum conteúdo em particular? São entes hipotéticos, meros esquemas de possibilidade. Do ponto de vista do seu conteúdo, portanto, a lógica é a ciência das relações possíveis entre entes hipotéticos. Dito de outro modo, é a ciência da possibilidade em geral. Seu objeto é a estrutura da possibilidade enquanto tal. Mas nenhuma possibilidade pode ser concebida sem referência a um quadro de condições reais que a possibilitam, e nenhuma condição real pode fazer parte do objeto da lógica. O estudo da possibilidade, sem referência a nenhuma condição real, só pode ser feito desde o ponto de vista das limitações intrínsecas da possibilidade em geral. Os conceitos fundamentais da lógica são portanto o necessário e o impossível. O necessário e o impossível considerados em escala absoluta, incondicionada, independente de quaisquer variações reais que os modulem ou atenuem. Trata-se portanto da pura forma do necessário e do impossível. Todas as escalas intermediárias entre o necessário e o impossível – o provável, o razoável, o verossímil e o meramente possível – dependem necessariamente de condições reais que as delimitem, e não podem, por si mesmas, ser objetos da lógica. Esta considera o necessário e o impossível independentemente não só de quaisquer condições reais, mas independentemente do conhecimento humano.

No entanto, é evidente que, se o conhecimento humano, com todas as suas limitações e possibilidades, não pode fazer parte do objeto da lógica, ele faz parte, necessariamente, das condições que permitem a existência da lógica como ciência. A lógica, portanto, ignora necessariamente a condição de possibilidade da sua própria existência enquanto ciência. (Não cabe deixar-se enganar por meras palavras: a chamada “lógica material”, ou teoria do conhecimento, não é uma lógica de maneira alguma, mas a ciência de uma realidade empírica, que é o conhecimento humano.)

Considerada desde o ponto de vista da possibilidade da sua existência como ciência, a lógica é uma expressão, ou consequência, da unidade da consciência humana. Sem esta, a estrutura da possibilidade em geral permaneceria intacta, mas o seu conhecimento seria totalmente inacessível aos seres humanos, como o é para os ursos ou as galinhas.

A unidade da consciência humana verifica-se no tempo, na continuidade entre o que se pensa (ou se sabe) num determinado instante e o que se pensou (ou se soube) num momento anterior. A retenção do pensamento pensado e a sua protensão, ou projeção num pensamento seguinte, são as condições sem as quais nem poderia haver pensamento lógico nem muito menos uma ciência do pensamento lógico.

Os objetos da lógica, no entanto, por serem meramente hipotéticos, são intemporais, atemporais ou, se quiserem, supratemporais. A possibilidade de uma ciência da lógica repousa, portanto, inteiramente na possibilidade de objetos atemporais se tornarem acessíveis a uma consciência temporal por meio da mera continuidade desta última. Essa possibilidade só existe porque a consciência humana é capaz de transitar entre o simultâneo e o sucessivo, ou seja, de representar o tempo por meio do espaço e vice-versa. Suponhamos que você acompanhou uma longa demonstração lógica no quadro negro. O expositor escreveu uma proposição, depois outra, depois outra e assim por diante até a conclusão. É uma série de fatos que se desenrolam no tempo. No entanto, se você em seguida não for capaz de apreender a demonstração inteira em modo simultâneo, como um conjunto de relações independentes do tempo, a validade da demonstração lhe escapará por completo. A certeza absoluta da conclusão soará aos seus ouvidos como uma afirmação gratuita, uma opinião apenas.

Acontece que, com o desenvolvimento da técnica lógica e a utilização dos computadores, é possível traçar cadeias lógicas tão longas que escapam a qualquer possibilidade de verificação humana: nenhum ser humano é capaz de acompanhar todos os passos da demonstração e retê-los na memória de modo a apreender, no fim, a unidade entre eles e a conclusão.

A unidade da consciência humana, que possibilita o advento da lógica, torna-se aí um mero detalhe irrelevante no curso de uma sequência de demonstrações que prossegue

imperturbavelmente sem ela, ou a despeito dela. O sentimento subjetivo de certeza que acompanha as demonstrações lógicas é então substituído por uma aposta na confiabilidade das máquinas que efetuam as demonstrações. Essa aposta, por sua vez, depende da confiança que se deposite numa comunidade de pessoas qualificadas que subscrevem a mesma aposta.

Dito de outro modo: quanto mais se aperfeiçoam os instrumentos da lógica, mais as operações que ela realiza tendem a escapar de todo controle humano e a depender de um ato de fé na autoridade da comunidade científica.

Com isso, escapamos da esfera de razoabilidade do diálogo humano e entramos numa outra esfera de racionalidade, que já não se baseia no discurso coerente e sim numa rede mundial de máquinas e instituições que nenhum ser humano pode abarcar num só olhar e controlar intelectualmente.